



Parte 1 – Facebook potenciais sociotécnicos e educacionais, espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença

Ser amigo e ter amigos no Facebook: uma análise com crianças

Nélia Mara Rezende Macedo Rita Ribes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MACEDO, NMR., and RIBES, R. Ser amigo e ter amigos no Facebook: uma análise com crianças. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação*: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 149-166. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books http://books.scielo.org>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Ser amigo e ter amigos no Facebook

uma análise com crianças

Nélia Mara Rezende Macedo Rita Ribes

Introdução

Este texto convida ao debate sobre como as crianças criam suas redes de contatos no Facebook, com destaque para uma problematização acerca do tema da amizade, frequentemente discutido quando se trata de *sites* de redes sociais e do incômodo que nasce de uma possível tendência à naturalização do acúmulo de amigos online, o que acarretaria o esmaecimento das relações afetivas. Como se forma a rede de contatos online das crianças? Que critérios as crianças adotam para interagir nas redes sociais na internet? Que novas formas de subjetivação e sociabilidade estão em jogo? O que é ser amigo e ter amigos no Facebook?

A análise que aqui se apresenta é um recorte de um estudo que se debruçou sobre as experiências infantis que se configuram na relação das crianças com as redes sociais online. Observações constantes de perfis infantis no Orkut – entre 2009 e 2011 – e no Facebook, entre 2012 e 2014, e interações exclusivamente online com, aproximadamente, vinte crianças entre oito e onze anos de

idade – principalmente conversas através do *chat*¹ – consistiram nas principais estratégias metodológicas da pesquisa².

Inicialmente, é importante pontuar que se parte do pressuposto de que as tecnologias da informação e da comunicação corroboram um novo lugar social da infância na cultura e que as redes sociais online estão implicadas nesse reposicionamento, dada a forma vertiginosa como se popularizaram e foram habitadas pelas crianças.

O novo cenário sociotécnico que surge com a passagem da fase Web 1.0 da internet para a Web 2.0³ engendra uma geração da internet que traz, em seu bojo, uma mudança radical, na raiz, da estrutura comunicacional: o modelo de produção "um-para-todos" é substituído pelo formato "todos-todos", o que significa, na prática, a chamada liberação do polo de emissão que rompe com formas clássicas de produção de conteúdos e mensagens. Instaura-se toda uma reconfiguração das relações a partir da possibilidade de, "pela primeira vez, qualquer indivíduo, *a priori*, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações (escrita, imagética e sonora) para qualquer lugar do planeta" (LEMOS, 2003, p. 3).

¹ Os diálogos que compõem este texto são fragmentos da pesquisa online. Cabe ressaltar que não houve nenhuma correção ortográfica a fim de garantir a autenticidade da dinâmica das interações. Também é oportuno informar que as crianças estão identificas por pseudônimos.

² A referida pesquisa é uma tese de doutorado em educação intitulada "Você tem face? Sobre Crianças e Redes Sociais Online. Disponível em www.proped.pro.br e em www.gpicc.pro.br.

³ Sobre a Web 2.0, Lemos (2008, p.67) explica que "o termo, que faz um trocadilho com o tipo de notação em informática que indica a versão de um *software*, foi popularizado pela O'Reilly Media e pela MediaLive International como denominação de uma série de conferências que tiveram início em outubro de 2004." É com este tipo de notação numérica que nomeia-se a próxima fase da cibercultura que se anuncia, defendida por alguns autores como Web 3.0. No entanto, dada pouca referência consistente encontrada sobre o conceito, não se julgou fecundo abordá-lo aqui.

Este deslocamento da ênfase na recepção para a emissão situa os *sites* de redes sociais como um lugar de destaque para os estudos da infância, pois se entende que as crianças têm, em potência, a possibilidade de se relacionar com os adultos — e com a cultura, enfim — de forma menos verticalizada à medida que se inauguram novas formas de sociabilidade e se ampliam as possibilidades comunicacionais online onde, *a priori*, não há hierarquias entre as vozes de crianças e de adultos. Desnuda-se, assim, um lugar de destaque em que a criança pode ser reconhecida pelo que, com autonomia, faz, produz, cria, expressa e fala, colocando em xeque modelos instituídos pela modernidade que balizaram, durante séculos, concepções empobrecedoras de infância — calcadas nas ideias de menorização, inabilidade e vulnerabilidade — e educação, forjada na lógica de um ensino preparatório para a vida adulta, que aprisiona a criança na condição de aluno.

Sabe-se que popularização dos sites de redes sociais aconteceu no Brasil no ano de 2004, com o sucesso do Orkut, conforme lembra Recuero (2004). Mas, conforme revelaram a empiria da referida pesquisa e as incursões em campo do GPICC⁴, as crianças se interessariam pelo site alguns anos mais tarde, mais pontualmente a partir de 2009 e, dois anos depois, migrariam para o Facebook. A despeito da questionável classificação etária que proíbe a entrada de menores de treze anos em ambos os sites, as crianças lá estão. Burlam os protocolos burocráticos e são usuárias em potencial. Criam suas contas, elaboram seus perfis, compartilham mensagens, comentam, curtem, brincam, jogam, conversam pelo chat. Criam formas de ser em rede, inaugurando novas experiências de infância e reclamando a necessidade de produção de novas narrativas que abarquem contradições e paradoxos da contemporaneidade. Este texto situa-se também no esforço de colocar em discussão uma temática que guarda, nos seus desafios éticos e metodológicos, a sua maior riqueza.

⁴ Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea. Ver www. gpicc.pro.br.

Crianças e seus nós no Facebook

Recuero (2009) propõe uma tipologia para classificar os *sites* de redes sociais que parece fértil para a análise que aqui se pretende sobre a configuração das redes de contatos das crianças no Facebook. A autora apresenta os *sites* "apropriados" e os *sites* "estruturados" ou "propriamente ditos". Enquanto os primeiros não são, originalmente, voltados para a articulação entre as redes sociais, pois não contêm espaços específicos para perfis e publicização de conexões, assim como não há, necessariamente, reciprocidade entre os contatos, os segundos são focados em expor e publicar as redes com perfis e espaços específicos para publicização de contatos, como é o caso do Facebook. Logo, para nascer nesses *sites*, é preciso criar um perfil mediante um cadastro, que exige, hoje, uma conta de e-mail.

O Facebook se baseia, portanto, na premissa da confirmação recíproca, na conexão de elos bidirecionais que são nomeados como "amizades", sendo os nós que se interligam chamados de "amigos". Nos *sites* apropriados, os laços são unidirecionais e se classificam, comumente, como seguidores ou fãs.

É possível afirmar que, nos *sites* estruturados, um nó não existe isoladamente, mas pressupõe, necessariamente, vincular-se a outros nós através da conexão de elos bidirecionais. Desejar ser um nó é, portanto, desejar o outro, falar para ele e com ele – seja com palavras, sons, imagens e cliques.

Esta perspectiva encontra eco na concepção de linguagem de Mikhail Bakhtin, para quem a vida é dialógica por natureza. (BAKHTIN, 2003) Esta aproximação filosófica convida a pensar a existência online, especialmente nas redes sociais, como um exercício de alteridade. Em essência, é sobre esta dimensão dialógica que se sustenta a noção de sociabilidade para além da capacidade e do desejo de estar junto, mas, sobretudo, como experiência mediada pela técnica e que está atrelada às novas formas de ser e viver na cultura digital.

Grosso modo, a existência em rede pressupõe a existência do outro. Dialogismo e alteridade nas redes sociais só são possíveis porque os próprios *sites* são, em essência, espaços de fala, de interlocução, de diálogo, de comunicação, enfim. Em tempo, é bom lembrar, como ressaltam Flores e Teixeira (2009), que a concepção de diálogo na filosofia da linguagem bakhtiniana não se reduz à interação face a face ou a entendimento em vias de consenso, mas sim como espaço de tensão entre vozes sociais. É desta premissa que se pauta a construção de uma compreensão sobre as redes online: o Facebook é espaço de tensão entre vozes sociais.

As redes sociais online são, portanto, uma grande arena de encontro, de diálogo e de produção de sentidos. Assim, toda interação verbal online pode ser caracterizada pela troca de enunciados, entendidos como elaborações da língua no intuito de comunicar e se dirigir ao outro. Uma postagem no Facebook, por exemplo, é sempre intencionalmente para alguém, ainda que possa parecer uma mensagem enigmática ou apenas um desabafo pessoal. Se há fala, há enunciação, há a intenção de diálogo, como reivindica Rayssa, 9 anos:

Nélia: e com quem você fala mais aqui no face?

Rayssa: com vc com a minha familia e com aguns amigos Nélia: e vc fica chateada com as pessoas que não falam com vc?

Rayssa: sim porque eu aseite e me adicionou se n fala para que que tem face

Nélia: é! então vc acha que o face é pra falar com as pessoas? Rayssa: sim e tambem para postar coisas e para se diverti

Se "ter face" é, para Rayssa, "falar com as pessoas", é importante analisar como se formam as redes online das crianças, quais critérios elegem para adicionar pessoas à sua lista e como se comportam sendo um nó em meio a uma imensa trama. Portanto, é preciso lembrar que o desejo de ir ao encontro do outro é o que move

adultos e crianças no Facebook e se as crianças querem "criar vínculos", conforme nos lembra Merlo-Flores *apud* Girardello (s/d), a quantidade de pessoas que compõe a lista de contatos pode ser um elemento que as crianças levam em consideração em busca de interação na rede.

Nélia: quantos amigos você tem no face?

Rayssa: 203 amigos

Nélia: caraca!!!! muitos, não acha?

Rayssa: sim e ainda to preucurando minha professora

Nélia: como vc tá fazendo pra procurar ela?

Rayssa: o nome dela é patricia mas aparece muitas e to ten-

tando acha o sobre nome dela

Nélia: hummm

como você foi aumentando sua rede com 203 amigos?

Rayssa: pode manda mas

pidindo o nome de pessoas e preucurando e achano

Nélia: ahhh, então você foi procurando pessoas que você

conhece? Rayssa: sim

Nélia: eu também faço isso!

Rayssa: que legau

Nélia: mas tem alguém aí no seu face que vc não conhece?

Rayssa: n

Nélia: alguém que vc não conhece já pediu pra ser seu amigo

aqui no face? Rayssa: sim

Nélia: e aí, vc fez o que?

Rayssa: e eu n aseitei porque n conhesso e falei agora n

Nélia: e por que vc não aceitou?

Rayssa: pq eu não conheço

Nélia: e por que vc acha que não deve aceitar quem vc não conhece?

Rayssa: porque e maiores de idade e pode ficar falando bes-

tera e minha m n gosta

Nélia: sua mãe já conversou com vc sobre isso?

Rayssa: n mas ela n gosta

Nélia: alguém já conversou com vc sobre isso?

Rayssa: n Nélia: humm

eu também não aceito quem eu não conheço

Rayssa: é ne porque vc n conhesse Nélia: mas tem gente que aceita!

Rayssa: é e n sou eu

Grande parte das crianças que participaram da pesquisa demonstrou ter conhecimento sobre a importância de adotar critérios seguros para a reunião de seus contatos, como demonstra Iara, dez anos.

Nélia: eu lembro que há um tempo atrás, o perfil do orkut era da sua mãe... vcs usavam juntas?

Iara: siim! so que ela deixou eu fzr um orkut só para mim!!

Nélia: e por que antes ela não deixava?

Iara: pq eu era mtt pequena par ter um orkut só para mim !! Nélia: e por que vc acha que criança mto pequena não pode ter um orkut só pra ela?

Iara: ah slá! mas eu acho que para ter um orkut tem que tomar cuidado, ne? vc n pode add qualquer pessoa ... entao eu acho q uma criança mt pequena ter um orkut nao vai toma tds esses cuidados!1

**tomar

Nélia: é, pode ser! e hj em dia vc toma que cuidados antes de adicionar alguém?

Iara: siim! só add pessoas que eu conheço!!

No entanto, também há crianças que, embora saibam os riscos a que estão expostas ao permitirem que desconhecidos façam parte de sua lista de contatos, optam por ampliar sua rede, assumindo, inclusive, as consequências possíveis, como aponta Fred, com 11 anos.

Nélia: e como vc me achou aqui?

Fred: procurei seu nome e tbm achei pessoas da minha

escola antiga q agr estão no Pedro 2°

Nélia:hummm legal!

o que vc acha disso, de achar as pessoas aqui?

Fred: bom, acho mto interessante, principalmente ja quem

eu conheço

Nélia: e tem gente q vc não conhece?

Fred: tem

Nélia: muita?

Fred: muita

mais q a metade dos meus amigos

Nélia: sérioooo???

Fred: sim

Nélia: e como vc adiciona essas pessoas?

Fred: a maioria eu conheci nos jogo

jogos*

outras eu sai adicionando

Nélia: como é isso? vc olha a foto e adiciona?

Fred: na verdade, nem olho a foto

só adiciono

Nélia: e as pessoas aceitam?

Fred: sim

e ja teve vezes

q a pessoa disse q n me conhecia, ai o facebook bloqueou a

amizade por 30 dias

Nélia: mentiraaaaaaaaaaa

existe isso?

Fred: existe

quando a pessoa te pede amizade

aparece la

se vc recusar ou aceitar, dps aparece se vc conhece ela ou

se vc botar no não, ela n pode mandar pedido de amizade por um período

Nélia: e o q vc acha disso?

Fred: uma boa atitude do facebook

Nélia: por q?

Fred: pq em alguns casos pode ser sequestrador, assasino,

pedófilo e etc

Nélia: é, tem casos sérios sobre isso mesmo! mas como vc

sabe disso, desses perigos?

Fred: na maioria das vezes

quando me adicionam

eu aceito e pergunto quem é

se eu n conhecer eu vou e excluo

Nélia: mas vc tb aceita pessoas q não conhece?

Fred: ... sim

Nélia: como é ter no perfil pessoas que não conhece?

Fred: meio estranho

de vez em quando eu até penso

se eu posso correr perigo

ou ñ

Nélia: mas como vc sabe q esses perigos existem?

Fred: todo dia passa um caso na televisão

e tambem na internet eu procuro algo e vejo

Nélia: hummmm é verdade, na tv passa bastante

mas com as crianças q eu tenho conversado, é diferente, a maioria dos contatos é de amigos da escola, da família... vc

é o primeiro q me diz que tem pessoas q não conhece

Fred::S

Nélia: e essa coisa de conhecer pessoas nos jogos? me conta como é, eu quase não jogo aqui!
Fred: bom, eu jogo muitos jogos, e fico praticamente o dia todo no computador ai, conheço mas de 50 pessoas por hora praticamente
Nélia: caraca!
vc joga online?

Sem desprezar os discursos alarmantes por parte de pesquisas e especialistas que alertam para a importância de cuidados na formação das redes infantis, é bom atentar que buscar amigos para aumentar o número de contatos é uma prática incentivada constantemente pelos próprios *sites* de redes sociais. O Facebook, por exemplo, investe na ampliação das redes através de diferentes estratégias.

Uma das modalidades do *site* para sugerir amigos é indicar as pessoas para alguém a fim de que possam iniciar um contato. Outra, é através das indicações do próprio Facebook que, possivelmente se utiliza de cruzamento de informações dos usuários para identificar amigos em comum. Há também um "localizador de amigos", que opera buscas por email, ou por cadastros em outros *sites*, como o sistema "migrakut", que tratava de identificar usuários do Orkut com o fim de iniciar amizades também no Facebook. Uma outra possibilidade de angariar amigos é fazendo com que eles se tornem seguidores através de uma espécie de "assinatura". Isto permite que os seguidores tenham acesso a todas as suas publicações imediatamente no momento das postagens.

Seguir, localizar, encontrar, solicitar, aceitar, importar amigos. Afinal, o que é a amizade nas redes sociais?

Entre laços e nós, a amizade nas redes sociais

O tema da amizade apareceu de duas formas distintas na pesquisa: pelas questões imbricadas no fato de alguns *sites* de relacionamentos nomearem os contatos como "amigos" e nas declarações explícitas de amizade que as crianças trocam entre si nas redes sociais, sendo que esta última foi se tornando menos frequente à medida que as crianças foram ocupando o Facebook, o que pode significar que se tratava de uma forma peculiar de relação no Orkut.

O sociólogo Zigmunt Bauman, dedicado a analisar e explicar as relações sociais na sociedade pós-moderna, é comumente relacionado em estudos que tratam da cultura contemporânea porque, teoricamente, fundou a metáfora que parece dar conta de ilustrar o contexto fluido e efêmero em que vivemos: a liquidez. Modernidade, amor, medo, vida, mundo... todos líquidos. Amizades líquidas, talvez ele diria, pois desta perspectiva, o autor criticou as relações das redes sociais, o que faz diferir "amizade" de "amizade de facebook" (BAUMAN, 2013). Ele acredita que, com a volatilidade com quem mudam os números de amigos, minam-se os laços afetivos.

A crítica de Bauman é pertinente e encontra eco em outras análises. Tiburi (2011) critica as empresas desenvolvedoras dos *sites* de redes sociais que, segundo afirma, "usam o desejo humano de conexão e comunicação como isca para conquistar adeptos. Amizade é o nome dessa isca." Para ela, o fetiche que se cria é movido pelo desejo de ter "um milhão de amigos", caracterizando o que chamou de "Complexo de Roberto Carlos". Segundo analisa, a busca por uma grande quantidade de amigos equivale à amizade nenhuma, uma vez que há, nos *sites* de relacionamento, uma banalização do significado do que poderia ser este sentimento, elevando-a a mercadoria.

As críticas de Bauman (2013) e Tiburi (2011) convergem para atestar que há um esmaecimento das relações pessoais e afetivas com a preocupação latente de acúmulo de amigos nas redes sociais, numa dinâmica em que quantidade é mais importante do que qualidade.

Além de todos os apelos do Facebook citados anteriormente para que os usuários façam novos amigos, os jogos sociais que se hospedam dentro deste tipo de *site* também incentivam que se ampliem as redes cada vez mais.

Entre as crianças, a busca por um número cada vez maior amigos online certamente se verifica, pois as listas são bem numerosas, conforme se verificou no mapeamento realizado no contexto da pesquisa. Entretanto, esta noção muitas vezes circunscrita à quantidade pode ser ressignificada.

Nélia: então na sua lista de amigos só tem pessoas que vc

conhece? Iara: siim

Nélia são todos seus amigos?

Iara: siim

Nélia: quantos amigos vc tem hoje?

Iara: no orkut?

Nélia: os amigos do orkut não são os seus amigos?

Iara:: siim

Nélia: então, quantos são? Iara: no orkut são 93!!

Nélia: então vc tem 93 amigos?

Iara: bom , tem uns que eu nao vejo ah mum tempo mas siim ! mas os que eu mais considero são jady bia amanda joao luis .

maju

Nélia: ahn, legal! mas no orkut todos são chamados de ami-

gos, né? Iara: aham

Nélia: eu sou sua akiga

amiga? Iara: sim !!

rs>

eu: e no facebook, vc tem quantos amigos?

Iara: vou ver

Nélia: tá

Iara:: 101 amigos

Nélia: nossa! tem mais lá do que aqui?!

Iara: é !! agr todo mundo ta indo para o fecebook !! rsrs' Nélia: é, eu já percebi isso também... por que vc acha que

todo mundo tá indo pro facebook?

Iara: boa perguntaa! nao faço a minima ideia! rs'

É curioso perceber que, na época em que este diálogo se deu com Iara, a menina tinha 10 anos. Devido ao avanço da idade, pouco tempo depois ela deixou de se oferecer como uma interlocutora desta pesquisa, pois se considerava já uma adolescente. Mas, curiosamente, revisitando seu perfil meses antes do fechamento da tese, foi constatado que sua lista no Facebook contava, então, com 835 amigos, o que representa que sua rede se ampliou oito vezes em menos de três anos.

De fato, se observa uma tendência de que, quanto maior a idade, maior é a quantidade de contatos que a criança tem. Certo que as redes sociais tendem a se ampliar ao longo da vida, em função de novas relações que surgem na escola e nos outros diversos espaços de socialização que se frequenta. Mas o que pode se problematizar é que, ainda que se considerem estes fatores, certamente Iara não conheceu 700 novas pessoas em menos de três anos – isto se consideramos "conhecer" num sentido restrito de intimidade tal como nós ainda pensamos na vida presencial. E é este "ainda" que pode oferecer caminhos para discutir a questão.

Dal Bello (2009) analisa que o fomento ao relacionamento e as necessidades humanas de pertença, afeto e *status* – que também se manifesta nos diversos espaços e tipos de relacionamentos da vida – contribuem para este movimento frenético de ter amigos, seguidores, fãs. Embora tenham demonstrado conhecer a importância da seleção de critérios para ter amigos online, as crianças fazem parte deste fenômeno e é preciso sim estar atento. Mas também é preciso

buscar os contrapontos e sair do lugar comum para pensar as novas experiências contemporâneas através do que as crianças apontam.

Assim, o primeiro aspecto que pode contribuir para problematizar a temática é "desromantizar" a amizade, sem, contudo, esvaziá-la. O incômodo que se dá pelo fato de todos os contatos de uma rede social serem chamados de "amigos" pode estar diretamente ligado ao sentimento profundo de afeto, amor e admiração que são nutridos numa relação de amizade, em seu sentido mais tradicional. O Facebook chega a oferecer a oportunidade de se organizar os amigos nas chamadas "listas inteligentes", que variam entre Família, Melhores amigos, Conhecidos e outras que podem ser personalizadas. Mas o site cuida em ressaltar que esta organização não será publicizada, protegendo o usuário da exposição dos níveis de consideração e afeto por alguém.

É importante perceber que estamos diante de uma reconfiguração das relações sociais e que as amizades clássicas não se evaporam em função disto, mas podem, inclusive, ser fortalecidas. O aplicativo "Meus Top Seguidores" do *Facebook*, por exemplo, contabiliza as interações recebidas através de curtidas e comentadas, ranqueando os amigos pelas participações. Percebe-se uma apropriação lúdica dos aplicativos pelas crianças, caracterizando um uso que leva à reafirmação de formas de ação recíproca ou de redefinição das relações que se dão na rede. Por que, então, não considerar também que as redes sociais aproximam pessoas, estreitam relações e inauguram novas formas de demonstração de afetos? Postagens espontâneas com mensagens de carinho a amigos também são frequentes, principalmente entre as meninas, embora seja prudente lembrar que não se tem fundamentos para adotar, neste texto, qualquer julgamento atravessado pela questão dos gêneros.

Uma abordagem interessante para inspirar uma posição que escape à crítica sobre a banalização das amizades nas redes sociais foi encontrada com Marcello (2009). Embora suas análises estejam circunscritas a um estudo envolvendo o tema da amizade com crianças em produções cinematográficas, ela oferece uma perspectiva

ética, política e filosófica para pensar a amizade. Em diálogo com Foucault, lembra que:

a amizade concentra um mundo de possibilidades: no jogo com o amigo, torna-se possível para o indivíduo um movimento de autotransformação, jamais previsto de antemão, jamais entendido como resultado ou como objetivo último, e sim, como espaço de afirmação, e sobretudo, de criação. (MAR CELLO, 2009, p. 217).

A autora segue acreditando que, em vez de placidez e tranquilidade, a amizade é, sobretudo, lugar de criação e de viver suas contradições e tensões. Com isso, abre-se nesta discussão uma possibilidade de penar a amizade fora do consenso que a concebe como "boa" ou "verdadeira" para se reinventar relações. O exercício estético da amizade é, portanto, transformador e capaz de revigorar a capacidade de ação.

O que esta abordagem vai evidenciando é que se trata, sobretudo, de uma relação de alteridade que, remetendo à noção bakhtiniana, congrega estranhamento e pertencimento; reflete e refrata (BAKHTIN, 2010) na busca incessante pela necessidade estética do outro. É deste ponto de visada que se pode buscar compreender o que representam os amigos que se adicionam nas listas de contatos dos sites de redes sociais.

Se partimos da premissa de que há um grande potencial comunicacional na cultura digital, sobretudo considerando as redes sociais como lugar de encontro, é preciso que também ressignifiquemos os critérios que nós, adultos, temos enrijecidos calcados numa experiência que não teve origem na virtualidade. Nunca é demais lembrar que as crianças criam outras formas de conceber a rede e se apropriar desta coexistência online, já que nascem na Web 2.0.

Considerações finais

Cabe frisar que não se trata, neste texto, de defender que as crianças se relacionem em rede com pessoas desconhecias; mas está posto o desafio de, em diálogo, colocar em pauta questões que são anteriores, inclusive, ao tema da amizade. Por que estar no Facebook? Qual o objetivo de ter um perfil? Quais as potências comunicacionais que nos apresenta? O que é válido expor ou não no ciberespaço? Com quem quero expor? Com querm quero me relacionar? Antes: que tipo de relação quero estabelecer nesse tipo de site?

Talvez esteja em jogo entender que os nós não são, necessariamente, laços, como quer Bauman (2013). Nem todos os contatos de uma rede social devem representar relações de afeto. É, sobretudo, na potência da autotransformação através do outro que podem ser compreendidas as amizades nas redes sociais online.

O que cabe, então, destacar é que não se intenta adotar uma postura categórica que declare defesa ao uso do Facebook por crianças ou que se faça eco à proibição a menores de treze anos. Mas, antes, sustenta-se uma postura no reconhecimento de que é preciso buscar compreender como se configuram as experiências infantis na contemporaneidade, sendo necessário, para tal, ir onde as crianças estão, de fato, se relacionando com a cultura, interagindo, dialogando, consumindo, jogando, e não onde se supõe que deveriam estar. E elas estão no Facebook, exercitando a autonomia e a responsabilidade, fazendo escolhas, arquitetando formas de ser, vivendo novos relacionamentos, simulando novas experiências, se expondo, criando identidades, encurtando distâncias, desafiando os limites do tempo e do espaço, construindo sentidos, criando novas formas de pertencimento, novas linguagens, exprenssando opiniões, produzindo vídeos, produzindo imagens, fazendo amigos, enfim.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Três minutos com Bauman:** as amizades no Facebook. Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/canteiro/2013/10/3-minutos-com-bauman-as-amizades-de-facebook.html2013. Acesso em: 23 abr. 2014

DAL BELLO, Cíntia. Espectros Virtuais: as dimensões do "apare-Ser" em comunidades virtuais de relacionamento. In: **Cadernos de semiótica aplicada**, v.6, n.1, Julho de 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo e intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. In: **Bakhtiniana.** v.1, n.2., São Paulo: 2° sem. 2009, p.143-164.

GIRARDELLO, Gilka. Street Fighters: **Crianças de rua e jogos eletrônicos**. Disponível em: <www.ufsc.br>. Acesso em: 4 abr. 2014

GIRARDELLO, Gilka. **Cibercultura**: alguns pontos para compreender a nossa época. In: GIRARDELLO, Gilka. e CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MARCELLO, Fabiana. Criança e cinema no exercício estético da amizade. In: **Pro-posições**. Campinas. v.20 n.3., Set/Dez. 2009, p.215-230.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. Teoria das Redes e redes sociais na internet: considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM. Porto Alegre, 2004.

TIBURI, Marcia. **Complexo de Roberto Carlos**: a amizade e o fundamento subjetivo das redes sociais. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2011/02/complexo-de-roberto-carlos/>. Acesso em: 2011.